

Entrevista realizada com a Ivanir dos Santos em Julho de 2012

Siglas:

E – Entrevistador

I – Ivanir

I - Me chamo Ivanir dos Santos, né [sic]. Iniciado pra [sic] orixá na Bahia, no Ilê Alabaxé Maracuji Pea há 32 anos, sendo pra [sic] Oxaguiã, sou babalaô iniciado na Nigéria há mais ou menos 07 anos... é... pra Ifá [incompreensível]. Na família [incompreensível]. O qual recebi o nome de Faioli, aquele que traz o orixá pra dentro de casa, né [sic]. Meu contato com Mãe Regina de Bomboxê, né [sic], se dá aqui no Rio há mais ou menos uns quatro anos atrás, quatro, cinco anos atrás, não... muito mais tempo, não... uns seis anos atrás. Lembro que [incompreensível] iniciado [incompreensível] fazer uma homenagem a ela. E sempre ouvi falar da família Bomboxê, você tem fragmentos na história do Candomblé, fragmentos que falam sobre a importância dos Bamboxê, do Bamboxê, né [sic] e é surpreendente que você entre em contato com esta família, conversa com eles um pouco [sic], vai conhecendo, né [sic]. É... e você começa a compreender a grandiosidade que é não só do velho Bamboxê, mas de seu neto Benzinho, também quase não se fala, né [sic], tem aquelas informações [incompreensível] como se ele tivesse uma rivalidade com o avô, e não é verdade, né [sic], que é filho da filha dele de Bamboxê, né [sic]. É... e depois da ramificação dessa família, né [sic] que é uma família muito respeitada hoje no Candomblé brasileiro, mas também muito discreta, né [sic], eles sobrevivem ainda [sic] tem aquela forma de humildade, de não se colocar diante de algumas coisas. Mas [incompreensível] era assim, [incompreensível] era assim, Caetano me parece que também era assim, né [sic]. Então eu acho que tem uma lacuna na história do Candomblé brasileiro, né [sic] que é justamente a importância que foi o Babalaô Bamboxê e também do Babalaô Benzinho, né [sic] e consequentemente dessa família, que até hoje, né [sic] continua ligada à prática afro, religiões de matriz africana e Iorubá [incompreensível] que é uma família que tem origem [incompreensível]. É...o velho Bamboxê, tem algumas [sic] algumas coisas ainda se fala sobre ele, mas ainda não deu a ele a grandiosidade que foi o seu papel na organização do Candomblé na Bahia, primeiro, né [sic] nos primeiros Candomblés. Também como sacerdote que orientou e fez também algumas sacerdotisas

importantes naquele período, né *[sic]*, tanto que dizem e eu já ouvi da família dos mais velhos, que ele quando veio para o Brasil veio pra primeiro dar autorização para raspar primeiro Oxum, aqui, e disseminar o *[incompreensível]*, o popular jogo de búzios, que vai ser mais disseminado ainda por Benzinho seu neto, né *[sic]* depois. Pra você ter ideia que eles tem um papel importante não só na organização do candomblé mesmo, né *[sic]*, conta umas histórias que o candomblé nasce como roda nessa forma que a gente conhece hoje em parte, né *[sic]*, essa forma... *[sic]*, é... quando ele é preso, né *[sic]*, na Bahia, quando ele é solto é feita uma recepção pra comemorar a saída dele, e fazem uma roda, né *[sic]*, então dizem isso, eu já ouvi falar sobre isso. Agora o que todo mundo sabe é que a roda de Xangô foi um ritual criado por ele, criado de Xangô. Então, todas as casas tradicionais, como a casa Branca, o Axé Apofonjá, o Cantuá tem essa roda, pode variar um cântico ou outro, uma forma de fazer, mas todos essas casas, isso é uma herança direta dele, né *[sic]* da prática religiosa, né *[sic]* de organização deles, dos Obá de Xangô, nasceu o Apofonjá, todo mundo sabe, né *[sic]* que *[incompreensível]* foi inspirado, né *[sic]* por ele. É... ele teve uma importância, não só como sacerdote mas como babalaô na Nigéria, ele é o líder espiritual e político de seu povo, ele é o guardião do seu povo, né *[sic]*, e ele cumpriu bem esse papel. E depois também o seu neto, Benzinho, de qual a família hoje que existe basicamente aqui, é.. na Bahia e aqui, é justamente a de Benzinho, seu neto, né, *[sic]*, que é a mãe Regina de Bamboxê, a Tia Irene, é, Mãe Caetana, *[incompreensível]* que hoje tá no Pilão de Prata, né *[sic]* essas famílias vem de Benzinho, que era neto de Bamboxê e que continua perpetuando todo o trabalho. Então costumo dizer que o candomblé brasileiro, ele deve a essa família muita coisa, né *[sic]* a essa família muita coisa. E essa família ainda não teve, até pela forma deles de ser, né *[sic]*, humilde no sentido dessa humildade religiosa, né *[sic]*, da guardiã de segredos, né *[sic]*, que eles tem, são casas inclusive que foram inspiradas a partir de Ifá, no caso de Orixá inspirada a partir de Ifá, práticas religiosas a partir de Ifá, embora não tenha mais Babalaô nessa família no ponto de vista de ter esse prosseguimento ao culto de Ifá, mas eles vem dessa prática, né *[sic]*, mãe Regina a gente conhece bem, é impressionante, né *[sic]*, Tia Irene tem um conhecimento também impressionante, Mãe Caetana também o tinha *[sic]* também impressionante, a partir dessa prática. Que no Brasil a gente separa Orixá como se não *[sic]*, Orixá é uma coisa e Ifá é outra, mas todo mundo pra fazer qualquer coisa em casa de candomblé tem que consultar o búzios, né *[sic]* que é uma das ideias de se consultar Ifá. Eu acho que nós devemos compreender a grandiosidade dela, né *[sic]* no conjunto do candomblé. Todos os antigos, todos, falam

deles, né *[sic]*, com respeito por eles. Mas acho que isso não se ocupou em dar o papel, né *[sic]* que essa família tem não só na forma que o candomblé se estruturou nos seus incícios *[sic]*, no início, mas também por ser guardiã de uma tradição, né *[sic]*, é... dos *[incompreensível]* do candomblé, porque o candomblé na verdade...*[sic]* a roda é um aspecto público criado por ele para dar satisfação pública, mas o bonito da religiosidade tem a ver com Zulu, né *[sic]*, Zulu que é mais importante que a roda e isso essa família é guardiã até hoje, porque eu tive o prazer de conviver hoje com a casa Bomboxá aqui no Rio, nessa *[incompreensível]* eu vejo isso, o que eu vejo na África *[incompreensível]* na África *[sic]* *[incompreensível]* e eu vejo na prática da atual sacerdotisa que é a Lina preparando seu filho para sucessor que é a Georgia, na prática eram autênticas, autênticas e simples como *[incompreensível]*, como é na Nigéria. Acho que tem uma variável aqui ou ali, mas é como na Nigéria. E a seriedade, a devoção, a dedicação, a forma de você se relacionar com o Orixá, de conversar com o Orixá, de você pedir a ele, não fazer nada que não seja com o consentimento dele, isso é a religiosidade não é o espetáculo, tem gente hoje que faz o espetáculo, né *[sic]*, não é a teatralização do candomblé, isso é uma coisa, eu tô dizendo *[sic]* a forma religiosamente de você tomar decisões a partir da consulta, do seu dia-a-dia, é tudo *[incompreensível]*. Eu vejo nessa prática religiosa dessa família, expressão que eu mais convivo é aqui no Rio, né *[sic]* a seriedade, a sabedoria, seja de Mãe Regina, de Tia Irene, de Mãe Caetana, expressas hoje nos seus, né *[sic]* nas pessoas que estão com essa responsabilidade.

E- Você acha que talvez essa não espetacularização tem a ver justamente com esse afastamento, esse fechamento da casa?

I – Acho que não, porque infelizmente hoje em dia tem prática religiosa que não tem a ver com prática religiosa. Né, *[sic]*, exemplo, eu vejo lá no Axé Bamboxê, as oferendas que a gente faz tão simples como é a oferenda para Ifá. E vejo em casas as vezes que tomam um sentido que não tem a ver com o sentido *[incompreensível]*. Eu não acho que *[sic]*...talvez o que aconteceu foi a interrupção dos Babalaôs, quando os mais velhos morreram e não iniciaram ninguém, é bom que seja dito. Não foram iniciados por ninguém, até porque mulher não pode iniciar Babalaô, não pode, quem conhece a prática religiosa sabe que não pode. Ela pode até ser iniciada por Ifá, mas no fundo ela não inicia Babalaô. Mulher... então acho que essa prática da importância das zeladoras de Orixá, né *[sic]* que tem seu núcleo ali, que manteve sua tradição, respeito, isso é

inegável pra todos nós, e como morreram esses, né *[sic]*, e ninguém oi iniciado pra manter essa prática, tanto que tem casa que tem Ifá, os Bamboxê tem Ifá, na casa e Ifá, tá lá o Eki. Soube que em Pernambuco tem também uma família, o velho Bamboxê em Pernambuco, e tá lá o Eki. Eu nunca fui lá, mas falaram, então o Ifá tá aí, então no fundo acho que isso acabou gerando uma lacuna, tem fortes candomblés tradicionais como o Axé Apofonjá, o Cantuá, o Alaketu, Efon, o Axé Pantanal, são famílias, né *[sic]*, porque observa isso, na tradição até hoje na África existe isso, o Axé de família, uma coisa da família. E esses Axés, não o Axé Apofonjá hoje menos, né *[sic]*, mas a maioria deles são de pessoas dirigidas por descendentes dessas famílias, né *[sic]* entende, o Alaketu, né *[sic]*, a maioria do Apofonjá, o Cantuá, foram netas, bisnetas, né *[sic]* há bastante família na tradição. Então, hoje se mantem a tradição, manter o respeito, a doutrina, a seriedade, né *[sic]*, a conduta. A grande questão é quando não tem essa base de raiz, de seriedade, né *[sic]*, não tô *[sic]* dizendo que as pessoas que não foram criadas por esse tipo de Axé não tenham, não tô *[sic]* dizendo isso, longe de mim falar da prática religiosa de alguém, né *[sic]*, mas aí você criou uma forma muito particular de zelador, aí um vai e acrescenta mais alguma coisa na sua prática religiosa, outro vai, acrescenta outra, outra... As vezes até coisas sérias que aprenderam em outros lugares, né *[sic]*, mas tem lugares totalmente *[incompreensível]*. Porque na verdade você não deveria fazer nada, porque é assim que manda a tradição milenar, sem consultar Ifá, Ifá tá na sua conduta, né *[sic]* então acho que isso os Bamboxês mantiveram, na raiz. Eu fico muito emocionado e impressionado com a humildade, a lealdade e a simplicidade da Lina, Regina Damázia, que é neta de Mãe Regina, que tá lá em frente, e de Georgia, Georgia ainda é uma jovem, mas também é impressionante a educação de Axé que ela tem, de respeito, né *[sic]*, da humildade, da simplicidade. É impressionante que uma pessoa assim, isso na África, porque assim manda a tradição de Ifá, né *[sic]*, embora não teve ainda, mas foi criada nesse ambiente, né *[sic]* com isso e com a educação dela. E na África a maior herança que se deixa para uma família é esse legado. Eu até costumo dizer que são pessoas de origem nobre que não são tratadas na sociedade e nem na sua conduta com essa nobreza, ficou restrito à casa de santo, né *[sic]*, então ali tá a língua, as cantigas, ali tá a alimentação é todo um conjunto de práticas religiosas impressionantes, agora eu acho que não se deve tornar essas práticas patrimônio imaterial se o Estado não assumir sua responsabilidade com essas tradições, né *[sic]*, porque eles sobrevivem com muita dificuldade pra manter o complexo religioso, pra manter a casa. Então não basta simplesmente o Estado achar que é

patrimônio imaterial, fazer carnaval com isso, alguns acharem que é ótimo, e ele não tem nenhuma contrapartida do Estado, como tem com a igreja católica, pra manter essas tradições, pra contribuir, não para modificar, mas que ela consiga, né *[sic]*, eu acho que aí é um crime do Estado se ele não fizer isso da forma respeitosa e ter sua responsabilidade, porque não adianta você tornar um patrimônio imaterial, material, o que quer que seja e depois deixar na mão da pessoa, porque ela preserva-se *[sic]*, não sei o que, não pode tocar nisso, não pode aquilo, entendeu, mas só que ela tem dificuldade, são pessoas pobres. São ricas na sabedoria, ricas nessas práticas religiosas, mas são socialmente pobres, vivem com muita dificuldade pra manter seus filhos, manter sua casa religiosa, porque é casa, né *[sic]*...

E – Porque geralmente é um espaço amplo, de manutenção...

I – Sim, sim, então não adianta, né *[sic]*, então uma coisa é a gente dar um lugar na história religiosa dessa família, a essa família merecedora, porque sem eles, mesmo as mais velhas, a primeira, aquela *[incompreensível]*, Mãe Aninha, todo mundo, né *[sic]* todo mundo sabe disso, né *[sic]*, teve o papel deles fundamentais, aqueles que não ficaram, né *[sic]*, tiveram papel fundamental e a história fez questão de apagar essa imagem um pouco, na perseguição da prática religiosa com relação à medicina, os médicos, né *[sic]* a polícia, *[incompreensível]*, eram mais alvo da perseguição, né *[sic]*, eu acho justo que as sacerdotisas tenham seu papel importante na manutenção dessa tradição religiosa, mas eu acho injusto a invisibilidade desses sacerdotes. Como é o caso agora do Saracó, pro pessoal do Axé *[incompreensível]*, depois pro Jêje, né *[sic]* pra cultura Efon. Né, *[sic]* papel importante, correspondente é o Babalaô pra cultura Efon. Né *[sic]* que seja também para a cultura Banto. Muitas histórias bonitas...foram os primeiros a chegar aqui, né *[sic]*, *[incompreensível]* chegou depois, foram os últimos. Mas mesmo assim, no caso do Rio de Janeiro, é... os baianos que vieram, né. Tem a presença dos Banboxê na Saúde, tem a presença do Benzinho a Praça Onze. Quando o Benzinho veio morar aqui, foi um sacerdote importante, fez a Tia Ciata, né *[sic]* sacerdotisa antiga. A história do Axé Aponfonjá aqui no Rio de Janeiro vai ter o papel do Bamboxê.

E – A Pedra do Sal...

I - Pedra do Sal... se você observar a historiografia, está lá. Mas são citados, por essa trajetória não, mas tá lá a família dele que voltou pra lá, né *[sic]*. Ele tem família lá, a

gente estava conversando sobre isso, o nigeriano que tava lá *[sic]* comigo conhece a família *[incompreensível]*, esse ato de um primo fazer contato aqui *[incompreensível]*. Então eu acho que precisa-se *[sic]* fazer uma justiça a esta família, eu tenho falado disso, em todos os lugares que conversam comigo, não que eu tenha... *[sic]* talvez seja uma das minhas tarefas, missão de Ifá, porque quando eu a conheci eu nem tinha dito pra ela, fui fazer uma conversa com ela *[sic]* e ela me reconheceu na época, até *[incompreensível]* uma senhora de noventa e poucos anos, quase setenta anos, oitenta anos de Orixá, né *[sic]*, dizer pra mim “não”, eu vou tomar bença *[sic]* a ela e ela diz, “não, menino, que falta de respeito, olha a hierarquia, eu sou uma Ialorixá e você é um Babalaô, eu que tenho que tomar bença a você”, isso é a essência da humildade, dos papéis religiosos. Porque infelizmente no Brasil, a vaidade do ser humano, o despeito do ser humano, né *[sic]*, a inveja do ser humano, às vezes coloca problema com as pessoas que não tem a ver com a questão religiosa. Tanto que eu tenho dito uma coisa que as pessoas não entendem, tentam deturpar, religiosamente não existe matriarcado, existe a importância das mulheres na religião e dos homens, os homens desapareceram né *[sic]*, que tinham papéis importantíssimos, como o caso Bamboxê. Acho que fazer justiça a essa contribuição, não só eles, a família Bamboxê, mas também outras chamados Tios, a maioria das casas sabe o que é esses Tios *[sic]*, entendeu, os africanos que eram chamados de Tios, que tinha a prática de Ifá, que se reunia na casa de Benzinho em Santo Antônio, naquela região *[incompreensível]*, né *[sic]* pra fazer como manda a tradição, coletivamente, eles, né *[sic]* o rito da consulta a Ifá, que perder não pode, mas se perdeu. Teve e falta agora no Brasil, mas tá voltando, não é que ele nunca esteve, ele teve. Essa prática tá diversificada em várias outras práticas de consulta a ele, *[incompreensível]*. Se consulta ele, nada se faz sem ele. Mas a prática do culto a ele diretamente, tem voltado nos últimos anos. Voltado de forma séria para algumas pessoas, que cultuam suas práticas com a seriedade como manda e também às vezes com práticas que às vezes *[sic]* não tem ajudado. E essa prática como nunca foi naquela época ainda, não é uma prática confrontando com o zelador de Orixá, porque não era assim. Nunca foi porque *[incompreensível]* plantou o Axé, todo mundo sabe disso. Historicamente os primeiros Axés foram plantados por eles, né *[sic]*, então era uma prática que era muito harmônica, e na África é até hoje harmônica. Né, *[sic]*, o zelador de Orixá, o *[incompreensível]*, e parte dessa confusão vai se dar quando se populariza o *[incompreensível]* Ogum, o popular jogo de búzios, é o poder de um segmento que não tinha esse poder. Né *[sic]*, então tinha uma prática respeitosa, *[incompreensível]*, tem

uma prática as vezes que não tem sentido. Né *[sic]*.. mas eu acho que essa família tem a ver com isso, não só com o *[incompreensível]* de Ogum, porque o *[incompreensível]* de Ogum é disseminado a partir de uma coisa que existe chamado caderno de Agripina, ogum escreve um caderno para poder ser entregue a Mãe Agripina que tava *[sic]* no Axé Apofonjá aqui, né *[sic]*. Aí esse caderno aparece em um período, sai multiplicado aqui, multiplicado ali, né *[sic]*, mas o rito de inicialização não, porque só eles que podiam fazer esse rito. Mas a prática está aí, como outras práticas que desapareceram, e outras tem sido recuperadas as vezes, né *[sic]*. E essa família eu tenho uma *[sic]*, eu digo pra todo mundo, pelo que eu vejo, pela esperança, né *[sic]* *[incompreensível]* a festa dessa família, né *[sic]*, dirija os seus membros, eu digo que... a prática saudável do candomblé que tá expressa nas casas tradicionais que nasceu conjunta com *[incompreensível]* é que tá o nosso caminho religioso, que é uma prática religiosa, não uma prática comercial, né *[sic]*. É isso.